



PROCESSOS (AUTO) FORMADORES NA FORMAÇÃO INICIAL: TRAJETÓRIAS, NARRATIVAS E MEMÓRIAS

TRINDADE, Raquel Bastos¹; MACHADO, Joseane Haag²; PERES, Lúcia Maria Vaz³

¹Bolsista PIBIC/CNPq/GEPIEM – quelbastost@yahoo.com.br; ²Bolsista BIC/FAPERGS/GEPIEM

³ Departamento de Fundamentos da Educação - FaE/UFPEL- Orientadora FAE/UFPEL/GEPIEM

1- INTRODUÇÃO

O Tema que aqui abordaremos - histórias de vida em formação - tem sido recorrente nos estudos voltados a formação docente, inicial e continuada, aspecto esse ignorado nos períodos anteriores a década de 1980. Eles advêm de diferentes disciplinas e, portanto, a partir de diferentes pontos de vista. Segundo contribuições de Marie - Christine Josso, (2004) (recentemente esteve entre nós, no Rio Grande do Sul), as histórias de vida tornaram-se, há uns vinte anos, uma abordagem de pesquisa muito em voga nas ciências humanas, pois em todos os simpósios, colóquios ou encontro científico este enfoque tem sido recorrente.

No campo da Educação, além dos trabalhos de pesquisa-formação, observa-se o desenvolvimento desta temática nos currículos, sobretudo na formação de professores (as) da rede escolar. A exemplo do Curso de Pedagogia, da Universidade Federal de Pelotas, RS, quando em 2001, foi implantado um novo currículo, com o intuito principal de quebrar com a ordem disciplinar e linear, buscando através de eixos temáticos, presentes em todos os semestres, o saber vivenciado pelas alunas e alunas aprendizes de professor (a). Coube ao primeiro semestre a re-construção da trajetória educativa, a qual deu origem a esta pesquisa. Ela deriva de uma prática desenvolvida no 1º semestre do Curso, ministrada pela professora orientadora. Tal projeto originou-se a partir de uma das primeiras pesquisas realizadas, pela orientadora e coordenadora, professora Lúcia Maria Vaz Peres, em uma turma do 4º semestre deste mesmo curso, logo após seu doutoramento em 1999. A investigação realizada entre 2000 e 2002 gerou a necessidade de acompanhar todo o processo de formação inicial, para que fosse possível estudar e compreender os efeitos dessas marcas sobre as escolhas das 'aprendizes de professora'. O tema da então pesquisa, referia-se á "poética da aprendiz de professora" (PERES, 2002).

2- METODOLOGIA

A pesquisa caracteriza-se por ser um estudo longitudinal, que vem acompanhando um grupo de sete alunas do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Pelotas, selecionadas a partir de sua adesão espontânea. O presente estudo teve início no ano de 2006 e se estenderá até 2009, perfazendo, assim, um período de quatro anos. O foco é saber como as imagens, as representações e os arquétipos, presentes nas trajetórias e histórias de vida, e as marcas que deixaram nessas alunas influenciando a sua formação inicial.

Está se buscando uma sensibilidade para a história do aprendiz e de sua relação com o conhecimento. Além disso, muitos procedimentos biográficos foram introduzidos para acompanhar, orientar, suscitar ou facilitar a elaboração dos projetos pessoais de indivíduos em busca de uma orientação ou de uma reorientação profissional. Isso se deve ao fato de pensarmos ser este momento, o da formação inicial, como a pedra angular para a futura prática docente. Especialmente, tendo em vista a complexidade dos movimentos (auto) formativos que estamos garimpando ao longo destes dois anos e o quanto ainda podemos pensar sobre a riqueza que emerge destas narrativas.

Os referenciais mais estudados por nós são os relacionados às Histórias de Vida, sobretudo os produzidos pela Suíça Marie-Christine Josso, que desenvolveu um método de pesquisa a partir das histórias de vida das pessoas, o qual ela denominou de Narrativas (auto) formadoras. A metodologia que vem sendo empregada ancora-se em um “olhar para si”, fundamentada tanto em Josso (2004) quanto em Durand (1988), no que se refere ao “psicologismo metodológico e a metodologia de convergências”. Assim construiremos uma metodologia de convergências com o intuito de buscar as homologias entre as narrativas autobiográficas, as imagens da infância e as representações atuais, através de diversos materiais produzidos pelas alunas. .

Atualmente, temos realizado encontros mensais com o grupo composto pelas sete alunas, e após cada encontro produzimos algumas narrativas – escritas, orais, imagéticas - de acordo com a temática da reunião, que tem a intenção de propiciar uma reflexão acerca do que é a formação e do lugar que as experiências ocupam neste processo. Para isso, utilizamos como instrumentos motivadores desta escrita, diferentes materiais. Tais como: fotos, diários, cartas, palavras, filmes, poesias, como também, algumas técnicas expressivas. O nosso primeiro material produzido foi um portfólio, sobre os nossos primeiros anos escolares, confeccionado durante uma disciplina ministrada pela professora Lúcia Maria Vaz Peres, a qual já nos referimos, como sendo a potencializadora desta pesquisa. A confecção dos portfólios aconteceu como “[...] um primeiro desbravar dos períodos significativos do percurso de vida de cada um e dos momentos – charneira [...]” (JOSSO, 2004, p.64). Ao lermos os portfólios, confeccionados pelas integrantes do grupo, podemos perceber que “[...] os dizeres de cada um eram indicadores do seu sistema de valores, das suas representações socioculturais, das suas referências de compreensão [...]” (JOSSO, 2004, p. 119).

Neste momento estamos produzindo uma narrativa a partir da seguinte provocação: como estou me tornando o que sou? Para tal, nos utilizamos da entrevista individual e, posteriormente, trabalhamos os dados na partilha do grupo.

3- RESULTADOS E DISCUSSÃO

Através das vivências e dos resultados que viemos obtendo, observou-se que nas trajetórias destas aprendizes de professora estão subsumidas algumas marcas. Tais como: medo de errar, medo de ousar, problemas familiares, baixa auto-estima, dentre outros, assim como, também, marcas felizes. Como podemos evidenciar nas falas a seguir:

A minha professora era ótima, ela tinha um prazer enorme em nos ensinar, ela sempre procurava tornar a aula divertida para que assim pudéssemos ter um maior interesse ou motivação em ir para escola.

(Sofia)

... A segunda série foi um choque, colegas novos, professores novos, mais cobrança, e eu tinha pânico das provas de leitura que eram feitas pela diretora, por isso acabei me tornando quieta e retraída...

(Afrodity)

Entendemos que as narrativas biográficas podem ser compreendidas como “biografias educativas”, segundo a interpretação de Josso (2004), pois permitem que estas alunas possam refletir sobre o passado para, assim, proporem novas ações tanto no presente, quanto no futuro. Deste modo, percebemos os relatos (auto) biográficos como sendo um fértil material para uma melhor compreensão sobre o modo como vamos construindo a nossa docência.

Os diferentes “eus”, que narramos desde as nossas experiências no âmbito da escola, estão mediados por outras experiências que se localizam, sobretudo, na família e na comunidade (no enraizamento cultural). Segundo (PERES, 2002) a formação do professor, da aprendiz de professora, neste caso, nos remete a relações complexas, quando trazemos a reflexão sobre a experiência vivida em seu amplo espectro. Os saberes pessoais estão ligados às aprendizagens oriundas da própria experiência, quer se trate de um momento único ou de uma experiência vivida repetidas vezes. O que limita o saber pessoal é o fato de que ele é feito de pressupostos e argumentos que não são verificados por meio de métodos científicos.

Portanto, de certo modo, o uso das narrativas tem caráter de “pesquisa-formação” (JOSSO, 2004), bem como são “molas propulsoras” para trazer à luz algumas experiências. Pode ser narrativa oral, escrita (poética e/ou imagética). Isso porque a pesquisa do tipo história de vida ou do tipo (auto) biográfica pode utilizar diferentes fontes, como reforça Abrahão:

Tais como narrativas, história oral, epístolas, fotos, vídeos, filmes, documentos [...], exercício da rememoração, por excelência. Este é um componente essencial na característica do (a) narrador (a) na construção/ reconstrução de sua subjetividade. (2004, p. 202).

Fazendo uma paráfrase da nossa orientadora, apostamos neste caminho que aprendemos a pesquisar e a nos pesquisar, percebemos que as narrativas

não devolverão o tempo infantil, mas podem manter “vivas” as imagens que nos foram marcantes como potencializadoras de “novos” e outros movimentos.

Para nós, autoras do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Pelotas, consideramos que a participação nesta pesquisa tem nos viabilizado um maior entendimento sobre o complexo processo de formação inicial de professores. Pois, geralmente, quando falamos em formação de professores, as pessoas, imediatamente, pensam em: como alfabetizar os meus alunos, como dar uma boa aula, sem se preocuparem com os outros aspectos que também exercem influência sobre o processo de formação. Estes outros componentes têm relação com a nossa infância, adolescência, enfim, com as diferentes possibilidades que temos ao construirmos nossas representações sobre a vida e tudo o que nos cerca.

... A produção da subjetividade responde a uma espécie de orquestração de forças, visíveis e invisíveis, que compõem o mundo do sujeito. Quero dizer que aquilo que sou agora é uma forma que resulta de uma certa combinação de traços produzidos e/ou acumulados em minha vida... (PEREIRA, 1996, p.15).

4- CONCLUSÕES

Por fim, acreditamos que este tipo de pesquisa poderá contribuir com as discussões acerca dos processos de formação docente, contemplando a subjetividade que acaba por permear todo este processo. Uma vez que, segundo Josso (2004) o campo de formação de professores não pode limitar-se aos aspectos mais técnicos desta formação, necessitando, também, de uma melhor compreensão sobre os processos pelos quais as pessoas se formam.

Referências Bibliográficas

- ABRAHÃO, M. H. M. B. (org). A aventura (auto) biográfica: teoria e empiria. Porto Alegre: EDIPUC, 2004.
- DURAND, Gilbert. A imaginação simbólica. São Paulo: Cultrix, 1988.
- JOSSO, Marie - Christine. Experiências de Vida e Formação. São Paulo: Cortez, 2004.
- PEREIRA, Marcos Vilela. A estética da professoralidade: um estudo interdisciplinar sobre a subjetividade do professor. São Paulo, PUC, 1996. (Tese de doutorado)
- PERES, L. M. V. (Org.). Imagens da infância. A poética da aprendiz de professora. 1. ed. Pelotas: Editora da UFPEL, 2002. v. 200. 18 p.
- PERES, Lúcia Maria Vaz. Garimpando imagens, memórias, representações e arquétipos nas trajetórias e (auto) biografias de alunas em formação inicial do curso de pedagogia da ufpel: um estudo longitudinal. (2006/2009). Pelotas, CNPq e FAPERGS, 2007.

